

APRESENTAÇÃO

EM MARÇO DE 1907, o escritor Félix Pacheco deixava o cargo de diretor do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Rio de Janeiro, ocupado por ele desde agosto de 1901. Junto com o novo diretor, Edgar Costa, ingressou na repartição o jovem escritor alagoano Elísio de Carvalho. Tradutor, poeta e autor de ensaios literários, ele publicaria naquele mesmo ano, na editora Garnier, o livro *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira*. Seu ingresso no Gabinete de Identificação e Estatística não ocorreu numa seção qualquer da burocracia policial brasileira. Continuação do Gabinete Antropométrico, fundado nos últimos anos do século XIX, o serviço de identificação acolheu médicos, advogados e literatos que viajaram pelo mundo, estudaram os novos saberes da polícia científica e redigiram numerosos textos sobre o combate ao crime no Brasil.

Elísio de Carvalho foi talvez o mais ativo de todos esses escritores envolvidos com as reformas na polícia carioca. Desde seu ingresso no Gabinete de Identificação, colaborou com a edição do *Boletim Policial*, cujo primeiro número foi publicado em maio de 1907. Nessa revista, apareceram seus primeiros textos sobre a polícia e o crime no Rio de Janeiro. Em 1909, elaborou, por encargo do novo chefe de polícia, Leoni Ramos, obras técnicas como *Síntese de polícia científica* e *Manual do agente de polícia*. Um ano depois, a Imprensa Nacional lançou o livro *A polícia carioca e a criminalidade contemporânea*. Ao mesmo tempo, fragmentos dessas obras foram aparecendo na imprensa da Capital Federal, em diferentes séries atravessadas por um mesmo diagnóstico: o Rio de Janeiro se transformava numa metrópole moderna e – como tinha acontecido em outras cidades do mundo – a criminalidade acompanhava o processo de modernização, tornando-se mais sofisticada. Para Elísio de Carvalho, a única

forma de enfrentar tal crime moderno e civilizado era a adoção dos novos métodos da polícia científica.

A fórmula (uma polícia científica para a criminalidade moderna) não foi uma invenção de Elísio de Carvalho. Tampouco sua propagação no Brasil se restringiu ao mundo policial. Por exemplo, nas crônicas de Olavo Bilac, encontram-se traços desse tópico amplamente espalhado na imprensa: os gatunos que pareciam “cavalheiros de mais fina sociedade” só poderiam ser contidos por uma polícia “tão smart, tão *dernier bateau*, tão *up-to-date* como eles”.¹ A ideia podia estar na boca de todos, contudo Elísio de Carvalho se converteu em seu mais entusiasta e prolífico divulgador.

Este volume recolhe seis séries publicadas na imprensa carioca entre 1910 e 1913. A primeira, “Historia natural dos malfeitores: apontamentos”, apareceu na revista *A Ilustração Brasileira* e sua própria condição de “série” deve ser explicada. As quatro crônicas que a compõem, apesar de respeitarem uma numeração sequenciada, não apareceram em números consecutivos e tiveram seus títulos posteriormente modificados. “A polícia moderna” saiu no número 27, do dia 1º de julho de 1910,² e a seguinte, “Polícia moderna”, apareceu quatro meses mais tarde.³ Os títulos da terceira crônica, “O mundo dos criminosos”,⁴ e da quarta, “Usos e costumes de criminosos”,⁵ parecem afastar ainda mais o leitor da ideia de uma série de textos entrelaçados, no entanto a ideia de que essas crônicas possuíam um sentido unívoco não se sustenta apenas na presença de um tema em comum e de números consecutivos nos títulos. O indício mais sólido é o fato de Elísio de Carvalho, três anos depois, tê-las reunido num mesmo

- 1 Olavo Bilac, “Crônica. 10 de novembro de 1907”. In: Antonio Dimas (org.), *Bilac, o jornalista. Crônicas*, vol. 1. São Paulo/Campinas: Edusp/Ed. da Unicamp, 2006, p. 850.
- 2 Elísio de Carvalho, “A polícia moderna”, *A Ilustração Brasileira*, n. 27, Rio de Janeiro, 1º de julho de 1910, p. 5–6.
- 3 Elísio de Carvalho, “Polícia moderna”, *A Ilustração Brasileira*, n. 36, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1910, p. 5–6.
- 4 Elísio de Carvalho, “O mundo dos criminosos”, *A Ilustração Brasileira*, n. 38, Rio de Janeiro, 16 dezembro de 1910, p. 202–3.
- 5 Elísio de Carvalho, “Usos e costumes de criminosos”, *A Ilustração Brasileira*, n. 45, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1911, p. 118–20.

artigo de *Boletim Policial*, sob o título: “História natural dos malfeitores: apontamentos”.⁶

Com efeito, na passagem de *A Ilustração Brasileira* para *Boletim Policial* alguns trechos foram reescritos e as imagens que ilustravam as crônicas, suprimidas. Em todos os casos, todavia, a presente coletânea recupera as versões originalmente publicadas na imprensa e reproduz as imagens apenas quando o texto dialoga com elas de forma explícita. A maior parte dessas imagens se constitui de fotografias do acervo do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Rio de Janeiro: fichas de identidade, impressões digitais, retratos de criminosos, tatuagens dos delinquentes, além de vistas das próprias instalações do Gabinete de Identificação.

O mesmo procedimento se repete na segunda série, publicada por Elísio de Carvalho, em 1912, no semanário ilustrado *Careta*, sob o pseudônimo Sancho Sanches. Nesse caso, as crônicas apareceram em números sucessivos: “A tatuagem nos criminosos”, “A fisionomia dos criminosos”, “Crônica da gatunice”, “A crônica de um escroque”, “Punguistas” e “Dois refinados patifes” foram publicadas ininterruptamente aos sábados, entre os dias 2 de março e 6 de abril.⁷ Por algum motivo não explicitado na revista, a série foi descontinuada e só reapareceu, em 8 de junho, com “Moeda falsa” e, dois meses mais tarde, com “Uma quadrilha de pivetes”.⁸ Nesse momento, Elísio de Carvalho já era diretor do Gabinete de Identificação e de uma importante coleção de livros, a *Biblioteca do Boletim Policial*. Mais uma vez, a série de crônicas foi transformada num artigo mais longo, sob o título: “História natural dos malfeitores: notas e crônicas”.⁹

6 Elísio de Carvalho, “História natural dos malfeitores. Apontamentos”, *Boletim Policial*, ano VII, n. 6, Rio de Janeiro, 1913, junho, p. 143–55.

7 Elísio de Carvalho, “A tatuagem nos criminosos”, *Careta*, n. 196, Rio de Janeiro, 2 de março de 1912; “A fisionomia dos criminosos”, *Careta*, n. 197, Rio de Janeiro, 6 de março de 1912; “Crônica da gatunice”, *Careta*, n. 198, Rio de Janeiro, 16 de março de 1912; “A crônica de um escroque”, *Careta*, n. 199, Rio de Janeiro, 23 de março de 1912; “Punguistas”, *Careta*, n. 200, Rio de Janeiro, 30 de março de 1912; “Dois refinados patifes”, *Careta*, n. 201, Rio de Janeiro, 6 de abril de 1912.

8 Elísio de Carvalho, “Moeda falsa”, *Careta*, n. 210, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1912; “Uma quadrilha de pivetes”, *Careta*, n. 222, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1912.

9 Elísio de Carvalho, “História natural dos malfeitores. Notas e crônicas”, *Boletim Policial*, ano VII, n. 4, Rio de Janeiro, 1913, abril, p. 60.

Constata-se um mecanismo similar nas três séries seguintes que compõem este livro. Primeiro, em ordem cronológica, “As neuroses e os vícios da cidade”, conjunto de relatos sobre as drogas no Rio de Janeiro, publicados no jornal *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro* entre julho e agosto de 1913.¹⁰ Em seguida, no mesmo jornal, “Cinematógrafo e criminalidade”, duas crônicas reunidas, meses depois, num artigo de *Boletim Policial*.¹¹ Por último, “A cidade dos esmagados”, dois relatos sobre os efeitos da velocidade e os acidentes de trânsito.¹²

O livro se encerra com a série de crônicas “A literatura nas prisões”, publicadas em números sucessivos da revista *A Ilustração Brasileira*, na qual haviam surgido, três anos antes, seus primeiros relatos sobre o mundo do crime e da polícia. A paisagem carcerária construída nestes textos por Elísio de Carvalho, com casos de detentos poetas, trovadores, prosadores e leitores, provavelmente resultou de visitas à Casa de Detenção, próxima da repartição policial que então dirigia. Tais relatos, contudo, também foram informados pela leitura de outros cronistas que tinham atravessado os muros da prisão, como seu amigo João do Rio.¹³

A intenção de transformar em livro estas crônicas sobre crimes, vícios e neuroses do Rio de Janeiro do início do século xx é parte do horizonte

- 10 Elísio de Carvalho, “Inquéritos sociais. As neuroses e os vícios da cidade”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1913, p. 2; “Fumadores de ópio”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1913, p. 7; “Os devotos da morfina”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1913, p. 5; “Os eterômanos”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1913, p. 8; e “As cocainettes”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1913, p. 5.
- 11 Elísio de Carvalho, “Cinematógrafo e criminalidade. A propósito do crime da rua fluminense”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1913, p. 6; e “Contra os filmes sensacionais”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1913, p. 11. Reunidas em *Boletim Policial*, n. 10, Rio de Janeiro, 1913, outubro.
- 12 Elísio de Carvalho, “A cidade dos esmagados. O rio sofre da vertigem da velocidade”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1913, p. 3; e “A cidade dos esmagados”, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1913, p. 4.
- 13 Ver as crônicas reunidas sob o título “Onde às vezes termina a rua” em João do Rio, *A alma encantadora das ruas*. Paris: Garnier, 1908.

de expectativas de seu autor. E, possivelmente, de suas negociações com o editor Garnier. Em 1923, a revista *América Brasileira: Resenha da Atividade Nacional*, dirigida pelo próprio Elísio de Carvalho, incluiu uma versão em português do prólogo do livro *Principes del espíritu americano*, coletânea de textos de Elísio traduzidos pelo espanhol César A. Comet. No texto deste, elencam-se as principais publicações do escritor brasileiro, mencionando-se ao final da lista que havia vários livros “em preparação”, dos quais dois seriam de imediata aparição: *História natural dos malfeitores e Vícios e neuroses da cidade*.¹⁴ Além disso, nas listas de “obras do autor”, incluídas em livros publicados pouco antes de sua morte, como *Lauréis insignes* (1924) e *Suave austero* (1925), indica-se que o livro *História natural dos malfeitores* se encontrava “no prelo” da editora Garnier. É difícil saber o destino do manuscrito e seus contornos concretos. O certo é que, mais de um século depois da aparição das crônicas na imprensa e em *Boletim Policial*, parte desse desejo se materializa.

Diego Galeano
Marília Rodrigues de Oliveira

14 César A. Comet, “A irradiação da obra literária de Elísio de Carvalho”, *América Brasileira: resenha da Atividade Nacional*, ano 11, n. 20, Rio de Janeiro, 1923, agosto, p. 227.